

SIMONE ANDRÉ

# Re-tecer



---

SOUL DE PALAVRA

Re-tecer são contos em que mostro o olhar e a percepção de um mundo para além das telas. Neles, teço a paisagem da natureza entrelaçando com o fluxo de pensamentos. Nos contos, transformo em metáfora a experiência de um novo mundo mediatizado por impressões digitais, enquadrando o ser em outras esferas de sabedorias e conhecimentos. A partir das minhas leituras literárias, busquei ressignificar e reescrever o que ainda faz sentido no pós-pandemia. Os personagens em metamorfoses, próximos aos contos de fadas, transformaram compreensões de mundo em mudanças rápidas. O que poderia ser superficial é entremeado por expressões cotidianas de estranhezas, um mundo que tentam normalizar. Mas isso é o que intenciono, com a sua leitura outro sentido se completará.

SIMONE ANDRÉ é Professora de Literatura e lê muito. A palavra, a linguagem, a expressão são suas paixões. Foi atriz, contadora de histórias, é pesquisadora das narrativas literárias orais, curiosa de vídeos e cinema, é instrutora de yoga. As diferentes formações e trabalhos de sua vida se completam com a constante ampliação dos pontos de vista e visões de mundo, aguçando a curiosidade e das tantas formas de se contar história. quantas são as de se viver em sociedad

# Re-tecer

SIMONE ANDRÉ

---

SOUL DE PALAVRA

Rio de Janeiro – RJ

2025

Re-tecer

COPYRIGHT Written by Simone R. B. André

Copyright © 2025 Simone R B André. Todos os direitos reservados. A propriedade intelectual desta obra literária de ficção está assegurada ao autor pela Lei Federal nº 9.610/1998. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada, comercializada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma e meio, seja eletrônico, fotocópia, gravação etc., sem a expressa autorização do autor, titular dos respectivos direitos autorais. Simone R. B. André – Paraty – RJ – [simoneandre.com](http://simoneandre.com)

Capa – Bordado de Aline Brant [@aline.bagre](mailto:@aline.bagre)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

André, Simone  
Re-tecer / Simone André. -- Paraty, RJ :  
Ed. da Autora, 2025.

ISBN 978-65-01-54582-0

1. Contos brasileiros I. Título.

25-281119

CDD-B869.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

## Sumário

<b>Prefácio: Originalidade e a origem? .....</b>	<b>6</b>
<b>Re-tecer .....</b>	<b>10</b>
<b>Trinta réis .....</b>	<b>15</b>
<b>Decantada.....</b>	Erro! Indicador não definido.
<b>Tentando lembrar .....</b>	Erro! Indicador não definido.
<b>A memória .....</b>	Erro! Indicador não definido.
<b>Silenciamento .....</b>	Erro! Indicador não definido.
<b>O Jogo.....</b>	Erro! Indicador não definido.
<b>Eras e heras .....</b>	Erro! Indicador não definido.
<b>Espelho meu .....</b>	Erro! Indicador não definido.
<b>Vestiu sua bota de prata e subiu por aí...Erro!</b>	Indicador não definido.
<b>O Orutu .....</b>	Erro! Indicador não definido.
<b>Idílio.....</b>	Erro! Indicador não definido.
<b>Conversas ao telefone que não mais existem.....</b>	Erro! Indicador não definido.
<b>O Banquete.....</b>	<b>22</b>

Re-tecer

Prefácio: Originalidade e a origem?

Reflexões sobre porque publicar o que fora escrito e pensado em tempos de IA. Defino “*o era uma vez*” das histórias desse livro: no lado mais antigo, estão as minhas leituras, fonte de inspiração para cada conto, do outro está a nova forma de se comunicar, com tudo digitalizado. Quando a originalidade não é mais a moeda, a origem talvez possa possibilitar a conversa sobre as leituras e compreensões que fazemos o tempo todo. Esse livro é originário do “*Era uma vez*” dos textos e autores que muito significam para mim.

Se a IA traz a confiança na máquina, aqui re-teço o oposto em afetos aos meus escritores favoritos. A entrada pelo universo digital trouxe a desconfiança da sombra, dos amigos e da família, das instituições que por amnesia tornavam-se sem significados, re-olhar para quê e o que fazem, para que não se julgue, como tudo, à força o seu fim.

S.A.

Nessa linha do tempo, de 2020 a 2023, me perguntei se era isso mesmo o real, enquanto ia perdendo o contato com os amigos como se uma penalização tivesse sido ordenada por alguém, uma corte invisível, que condena à solidão e ao silêncio a si e ao outro. E foi assim que fomos entrando no universo digitalizado. Nessa condição de desconfiar de quem estava ao lado, em todos os momentos, é que a máquina foi fiando os espaços públicos, nos privados da internet.

Mas porque não dar uma segunda chance de confiança para os conhecidos afetos? Para popularizar o espaço das redes destruindo as redes de afeto? Porque confiar nos desconhecidos? Para se encontrar apoio na máquina? Assim o espaço digitalizado foi mimetizando a economia do capital. É como se algo de mudança entre combinados e assinados de convivência houvesse acontecido, como se principalmente uma autorização necessária de entrada na vida mediatizada por mídias é que se fariam essas novas articulações.

## Re-tecer

Como um caleidoscópio, era assim que percebia, o antes... Como era mesmo antes? Esquecida “*a era do agora*”. Onde o jeito conhecer e interagir “*era do outro*”.

A sensação de que tudo já foi escrito, tudo já foi feito, de que tudo, qualquer coisa que você ache importante já foi criado, falado, estilizado. Nessa sociedade do conhecimento onde a originalidade não pode mais ser vista como valor, mas talvez a utilidade sim. Pois que a reprodução de tudo, faz-se rápida, mas expressão é sempre genuína, pensando em arte como um direito. Não só como expressão, mas com manifesto, campanha de vida.

Então, como mudar o plano de realização para o compartilhamento? Se a realização faz-nos refém dos meios de produção, torna-se vendedora de suas palavras reconheço como “*a era de uma vez*” do empreendedorismo. A invenção e criação valem menos do que os meios de produção. Apesar de vivermos exatamente a era uma vez o “*sob demanda*”

S.A.

essa publicação tenta ressignificar o que colocar no “mercado”. Quem faz o mercado? E o que estamos fazendo da estruturação que certa liberdade tecnológica nos permitiu?

Nesse livro onde “*eras de uma vez*” se juntaram para fundamentar a escrita e compartilhar a escuta.

Deleite-se.

Re-tecer

## Re-tecer

*“Tecer era tudo que fazia,  
tecer era tudo que sabia fazer.”*

Logo que começou a enxergar percebeu que estava tudo lá, piscava os olhos ainda, para ter a certeza de que aquela paisagem não se modificaria em um tempo tão rápido como acender da luz.

Em um canto da casa um bordado, uma cesta de frutas com linhas coloridas. Um sorriso que previa sabores brotou no rosto. Ainda era possível ver os traçados das linhas com a marca do redondo bastidor, também alguns nós de arremate fixavam naquele desenho de linha a ação do fazer.

Em outro canto um sofá aconchegante, de cores quentes e textura felpuda, convidavam a entrar, quando olhou a sua frente a janela com um alaranjado de sol poente que a atraiu. Desejou. Esse desejo a trouxera para ver com os olhos aquilo que antes era apenas textura. E as frestinhas dos pontos do bordado,

S.A.

e o pontilhado que unia as cores, e o pixelado que transformava-se em um liso degradê, e as lãs que recheavam aquele céu de branco: tudo encantava a conceber sentidos e sensações.

Esticou os braços, como se tocasse o vazio do ar, e àquelas linhas do amarelo ouro do sol trouxeram um calor de fogo no peito. Olhou para trás e das frutas bordadas entornava um sabor adocicado em seus lábios. Sentia quando mordiscava o canto da boca, concentrada ao passar a linha pela agulha.

Virou completamente o olhar para o outro lado e percebeu no arroxeadado de que bordava o sofá, um veludo que deixava marcas, registros de um tempo antigo que não fora o seu.

Viu-se dentro daquele espaço que pintava em cores e texturas ao que via, mas que ainda não o reconhecia totalmente. Certo vazio de tempo, que preencheu nomeando coisas para dar sentido ao que parecia ser falta.

## Re-tecer

Assim mesmo enxergando o envolta de si, viu-se presa entre bordados, danou-se a ponto de inventar um tear, que pudesse desdizer definições. Um maquinário seria preciso.

Percebendo cores e linhas que definiam o desenho, preencheu o tear de fios com as cores do sol nascente. Depois entremeando de horizontes aqueles espaços entre, foi tracejando ritmos que aproximavam um recheio de céu ao que formavam seu contorno.

Aos poucos o bater do tear em tempos repetidos souu algum ritmo reconhecido pelo corpo, e como a repetição busca não atrasar o relógio, a cadencia acelerou o giro, e aquela sequência de movimentos se desprendeu tornando-se ideia. Traduzida de sons em movimentos, a dança de seu corpo trançava os fios desde os pés pelos pedais, até as mãos do alto da estrutura.

Era possível ver de cima a imagem se moldando e sendo moldada entre os fios que eram trançados ao movimento do seu corpo. De fios coloridos desejava

S.A.

aparecer o contorno de sua silhueta, e puxando para o horizonte como se quisesse unir a terra e o céu, as cores faziam dos passos compassados trechos de tecidos, e a cada vez que se via dentro de desenho de linhas, mais dançava com o tear transformando a constância em ritmo, e a matéria em material.

Assim saiu da moldura arredondada do bastidor e se viu feita de inúmeras linhas que manejava no tear. Tecido tomando forma. Linhas que coloriam o espaço antes de serem palavras. Preenchendo o ar de cores, dava concreto ao invisível.

E foi tecendo, máquina corpo, matéria feita de instinto, ideia feita de esforço. Do ouro do amarelo carregou seu peito, formavam um sol bem no centro, os cheiros eram trançados de linhas de cores que saiam de seu corpo e voavam no ar.

Confundida com o tear, máquina e ser misturavam cores, enigmas de dores de si e do mundo. Sem saber definir palavras, gestos, ou momentos, tentava dar

## Re-tecer

movimento ao que era estático pensamento que teimava em estender o eterno.

Desprendida do fundo do tecido voavam os fios coloridos sobras e restos do que fora um dia desenho preso, em volume crescia o bordado e se desprendendo do fundo, percebia o volume que preenche o ser inteira.

E toda vez retrançava em nudez a si mesma, com os olhos de quem lê e seguia costurando, uma cor que em fio recuperava na memória de si; alinhavando alguns traços mal ditos, editando a paisagem preenchendo os buracos de tecidos puídos, as falhas vistas a olhos nus e recobertas por alinhavos das descobertas dos outros olhos.

---

*Escrito em Maio de 2025 em um curso de contação de histórias com a Gislayne Mattos, Conto de inspiração “A Moça Tecelã” a partir do conto de Marina Colasanti.*

S.A.

## Trinta réis

*“Passarinho é pescador  
Mirou apontou e pegou”*

Acompanhava a ação daquele pássaro branco, um albatroz, ou melhor um trinta réis, ou algo parecido, era pequeno e voava sobre as águas daquele mar surpreendente em uma tarde de quinta-feira. Procurava comida na contramão das correntes de ventania. Ficou um tempo ela pensando sobre como ele poderia localizar um peixe que o levaria ao mergulho. Superfoco pensou, assim como os autistas, ela e tantos outros que passavam mais de sete horas diárias em telas pequenas, usando as mãos, para aproximar da visão algum detalhe importante.

As mesmas mãos que ela via jogar a tarrafa de um lado mais deserto da praia para pegar algum peixe. As mesmas mãos que limpavam o peixe no quiosque ao lado, as mesmas mãos, mas sempre diferentes, que fritavam os peixes do almoço, e as mesmas mãos, talvez com unhas pintadas e cutículas limpas, às que devoravam o peixe naquela mesa a sua frente.

## Re-tecer

Entre planos, assim se formava o seu olhar. Entre planos de detalhes. Apesar do superfoco, a família que devorava o peixe à sua frente não a impedia de vislumbrar e olhar ao fundo da paisagem o mar e os pássaros, gaivotas entre outros marinhos, que também eram pescadores.

Voltou a acompanhar o rasante daquele pequeno, tão pequeno pássaro branco, perto das gaivotas que trançavam o céu com imponência. Aquele pássaro que passava rente por sobre as águas, e de repente dava um rasante como se fosse dar um mergulho, e se afastava tomando o seu prumo. Plainava no ar. Divertia-se em pensar que aquela descida da vez seria a que traria um peixe no bico. Depois passou a se perguntar como e o que ele enxergava. Imaginando brilhinhos moventes. Talvez uma grande massa que formava um cardume. O que o fazia ter a certeza de que ali teria um peixe. Será que era a solidão de um peixe abandonado do bando que o tornava presa fácil? Será que era um mergulho certo que em susto provocaria a debandada do cardume dentro d'água?

S.A.

Divagava entre pensamentos puxando memórias em que nem percebia, momentos em que se viu peixe acuado, cenas que se viu à caça de algo sobre a vida. Pescava memórias com sentidos e sentimentos que reconhecia nas analogias da natureza. Buscava a transformação do que era criado pelo homem, do que era significativo de um tempo, de um lugar, reações e resultados para, na estranheza, ter o registro do que era história ou estória e o que era natural, da natureza.

Foi então que algo a distraiu, entre alguns peixes que pulavam em diferentes partes do mar naquele pedaço de areia rodeado de um semicírculo de matas que avançavam em direção às águas vindo por traz, ali viu um peixe que deu um só mergulho. Fixando o olhar confirmou a cena efêmera. Retornando o olhar pelo o brilho que reluzia nos olhos dela, constatou serem vários. Vários mergulhos. Era como se ele caminhasse saltitando sobre a água.

Todos que estavam na areia repararam e um dos vizinhos daquele momento de praia disse ser um camarão branco, fugindo da tainha. Não dava pra ver

## Re-tecer

o que acontecia por dentro da água. Tanto o camarão branco quanto a tainha pulavam da água quando queriam fugir de algum de seus predadores. E conversa vai e vem como a maré que começava a subir outro foi o assunto.

Em conversa soube o quanto os pescadores da região lutavam contra os atravessadores na hora de vender o peixe. Também ela pensava no quanto o espaço sem fronteiras da internet poderia funcionar como mercado libertário desses atravessadores, já não mais é possível. Uma visão darwinista da natureza ela buscava agora.

Foi nesse breve instante de olhar que o pássaro branco mergulhou fundo, ela não viu o momento ao certo, não pode imaginar que cena o fizera convencer da certeza do alimento. Com pequenos mergulhos correndo em voo acompanhando a sua presa em baixo da água, saiu do mar com um peixe no bico. O brilho prateado, parecia até toda prosa, ou toda poesia. Naquele céu azul, em contraste perfeito com o mar esverdeado, o branco do pássaro que viajava como se alinhavasse o

S.A.

horizonte. Acima, nuvens escreviam em manuscrito, na língua que só o vento e as ondas sabem, o secreto desse voo no espaço, nuvens compridas sobre o liso do azul do céu que se dissipavam após a mensagem lida.

Foi então que o perigo inesperado se fez presente na cena, e a poesia acabaria ali. A ameaça que rápido avançou em voo roubando a prata do bico, e saiu com sua gravata vermelha voltando a esfera que mais acima formava elos de voos as quatro ou cinco gaivotas que pairavam sob o mesmo canto do mesmo mar.

Que injustiça, quase falou alto, será que ele, o pássaro fazia a poesia, e os grandalhões do mar transformavam em prosa ou em ouro aquela conquista? Não se contentava com uma visão hierarquizada ditada pelo poder do maior, do mais forte.

Passado o tempo da insatisfação com tamanha injustiça, foi se acostumando em perceber que a cena

## Re-tecer

se repetia sempre ali, naqueles poucos minutos em sua frente. Será assim também como na vida?

Foi quando um vento forte trouxe a areia sob seus olhos fazendo a virar brusco o rosto, pode ver outras imagens: folhas que achavam que eram pássaros, voavam e às vezes até rodopiavam bailando ao som do vento.

Enquanto nuvens que achavam que eram mar imitavam o encrespar das ondas, outra paisagem desnudava aquele voo das gaivotas negras de gravata vermelha, que corriam para roubar cada peixe que o pequeno pássaro branco pescava. Só ele conseguia voar tão perto do mar, apenas ele conseguia ultrapassar a massa de vento, só ele. Teimava em saciar a sua fome, alimentando aos demais se dividindo na tarefa de facilidades de acesso hierarquizados pelos privilégios de outros poderes. Ele dividia, cooperava com aquela paisagem que a deslumbrava, em outra forma de compreensão da vida.

S.A.

---

*Escrito em Julho de 202 na praia de Iriri, Paraty. Trecho da  
composição de Claudia Ribeiro e Lelê. Lembrança do livro  
Fernão Capelo Gaivota de Richard Bach*

Re-tecer

## O Banquete

*“o que convém à alma conceber e gerar;  
e o que é que lhes convém  
senão o pensamento e o mais da virtude?”*

Foi assim, chegou montado, assim tipo "star sistem", com dois seguranças ao lado, e era até possível ouvir o barulho dos flashes, se houvesse.

Não havia, veio mascarado.

Como um dos batedores à frente de um imperador, veio a cobra. A frente como um véu que confundiria à vista vinha ela, antes dele, avisando que tudo que por ali se passasse, nada seria verdade.

O lugar era lindo de se ver, mas a cena conforme se montava, como nas obras de artes que contrastam com a vista do Mac, informavam que o que o homem faz mostra-se sempre menor do que a natureza, o natural.

O debate era o histórico, e não sobre o amor. Versava-se sobre as profusões de situações e eventos da cidade

S.A.

que indicavam um caminho político. Apesar do evento ser construído por uma saudação à amizade, não era este assunto em discussão. Amizade estava presente sem precisar de discussões sobre ela. O que ligava aquelas pessoas era uma amizade, construída neste tempo, que dizia mais sobre um pensar da mesma forma do que estipular algum tipo de margem pra Philia. O caminho de chegada era outro, portanto, não importava como se chegou a tal ponto, ou uma definição para aquilo, o tal chamado amizade era, certamente, compreendido de formas diferentes para um e para outro.

Lá o que nos ligava era a cidade, aos nossos pés e em nossa memória.

E a memória era o assunto em discussão.

Dentre discursos do que havia acontecido, reverberavam memórias nas vozes dos presentes, que oravam histórias vividas em minhas lembranças. A vinda de Fidel Castro, a construção do Mac e a igreja da Boa Viagem. O evento de cinema que participei ali, no Mac no início de sua construção.

## Re-tecer

Também eu falei um pouco da minha história, de teatro de grupo, de Zé Celso, das Bacantes, as memórias vinham e não falavam o tanto que me diziam em silêncio. Sobre os amores daquela época. Sobre as vitrines de Chico Buarque, e sobre o gordo. Silêncio se fez em mim. Naquele momento eu estava acompanhada de antigos amores.

Enquanto isso personagens estavam no foco, a mesa estava posta e eram muitos os convidados.

Dentre eles importava mencionar um que vou chamar aqui de Pausanias. Não só pelo seu nome lembrar certo apreço pelo falo, mas pela melhor frase dita ali. Sua mulher, com quem vivia há 25 anos fazia o que da vida?

Vive, vive-a, vive a vida.

Sua mulher, não aquela que lhe dera os filhos, mas outra.

De um lado as mulheres da mesa ficaram encantadas por uma definição tão sem suportes. De outro o mascarado, eis a grande questão: a idade.

S.A.

"Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis." Não sei o porquê, mas me veio a tal frase.

Pausanias era bem mais velho, beirava os 70 e o espanto estava nessa diferença. Não apenas nos números, mas no mito do Andrógino. A discussão permeava nossos tempos, o homossexualismo como doença discutido e como experiência era cada vez mais vivenciado. Isso estava em jogo quando vinha de Pausanias. O mascarado tratava-o como um Homossexual. Porém menos na veracidade da questão ficou preso seu discurso. Pendurado pela aceitação de um "velho" e o amor de uma jovem estava, e seu espanto pela diferença dos números que apresentavam a idade era maior do que da inverosimilhança advinda pela surpresa de alguma identidade sexual.

A grande questão para um homem grande como o mascarado era a idade, como ser amado, assim mais velho, por uma jovem? Fez as contas e a mulher começou a morar com ele muito jovem. Era possível

Re-tecer

ver o vislumbre em seus olhos ao imaginar-se naquela situação. Um homem, amando uma jovem, era o que todos os homens como ele queriam. Era mesmo um grande homem esse tal de Pausanias.

Era até melhor do que seus sonhos de agora.

Pensou em trocar, mas logo foi acometido por um daqueles momentos em que se formava a personalidade de um político. Assim bem na minha frente, todos assistindo ia aumentando a máscara. A deformação do rosto, era perceptível para poucos. Falava sobre o que conseguira com o Estado, falava com pausas, como se no set aguardasse soltarem a gravação do som da plateia.

Podia ter sido outra a cena, a da mesa de Cristo, a Santa Ceia, mas não foi. A mesa farta, e sentada a seu lado uma certa Maria Magdalena, eu, Maria Magdalena Arrependida das Dores do Ingá, mas não teve essa culpa cristã na cena. Foi outro conflito.

A transmutação em um político legítimo atestava ainda um pedaço mesmo que pequeno de rosto.

S.A.

Quanto mais se transfigura sua máscara, mais ficava visível o contorno de um rosto por trás da máscara. Não era vergonha o que fazia o rosto mostrar-se vivo por trás da máscara. O que em mim despertou foi um crescer em curiosidade, por saber que havia ali um atrás.

Quis saber, mas era tarde demais. Planejava viagens com a família, dizia de tantos lugares, que quase que entrei nesta luxúria descabida, me entregar a esse conluio de ilusões advindas de um certo poder político.

O natural seria enjoar-me com essa ladainha dos políticos, pois fazia parte de uma parcela da população que quase não acreditava neles. Mas o rosto por trás da máscara intrigou-me.

Atualmente, a política que conhecia então era essa, montada com personagens que mais pareciam saídos de filmes de terror. A pior das séries poderia ser vista nos noticiários, acompanhando prisões, roubos e corrupções sem fim. Assim mesmo como uma série,

## Re-tecer

como se assistimos CSI todos os dias. Nós, espectadores dos jornais acompanhávamos o desvendamento de mais um crime contra a democracia. Era a mesma forma, um assassinato, os suspeitos e um condenado. Não que acreditasse nas narrativas dos jornais, mas assistia ao circo comendo o pão de cada dia.

Nos últimos tempos eu via diferente. Durante esse assuntar dos tempos antigos, me trouxe um frescor de descobertas de uma política que era feita por pessoas comuns, a TiaV. me ensinava isso. Não por um acaso, me vi cercada de pessoas que atuavam nesta área. Mesmo que não fosse a minha. Não sei se pela proximidade com o casal da política de minha cidade, pude enxergar uma outra possibilidade mais humana naquele ser que ao meu lado estava. Existe uma máscara, pensei. Posso tirar? Não falei.

Assim como uma personagem de “Rosto atrás do Rosto” seguia no almoço. Na esperança de entrever mais alguma parte do por trás da máscara, seguia. A

S.A.

cada fala escutada, esperava uma brecha, um brilho diferente no olho, um sorriso menos amargo, buscava.

Ia se mostrando como mascarado neste momento, não tanto nos outros em que falava como um político dos grandes feitos, - talvez até mesmo grandes - nestes era possível ver um pedaço de um rosto atrás de uma máscara.

Depois do banquete, algo de dionisíaco pairava no ar, infestado de vinho, entre arrotos de sabedoria e leituras estrangeiras que dominavam o som. O bom corte ao que seguia os compassados arrotos de saberes veio de Pausania, ao relembrar Guimarães Rosa e o Grande Sertões Veredas trouxe outra brisa de Brasil, mais fácil de acompanhar do que os castigos e crimes dos russos.

O cálix bento, era quase bento, se não passasse pela cobra. Como bacante enebriada pela curiosidade em um véu posto como uma Pandora quis saber mais.

Re-tecer

Não era esse o conflito, mostrar-se ou não. Na verdade, o que ocorria naquele momento era uma profusão descontrolada de máscaras que se apresentavam a minha frente vertiginosamente iam caindo e se transformando a vista nua.

Ele falava sempre de amores, e a cada vez que sua curiosidade pedia mudamente pra máscara ser retirada, mais outros casos surgiam à sua frente, um em cada estado. Não eram ditos como amores de fato, mas enxergava assim, pois assim a caixa aberta de pandora traria mais drama a essa existência.

Também eram famosos os inúmeros amores dos Cubanos, talvez aí estivesse a imagem. Isso trazia mais identificação às máscaras ao politicamente e ao incorreto.

No momento em que começavam a crescer as monstruosidades, eu fechei a caixa. Pedi dois cafés de uma vez e curiosamente a cobra estava lá, sentada bem à frente. E naquela cena tive que bater palmas a ela. Será que me corrompi? Pensei que talvez essa fosse a

S.A.

maior forma de transformação, você saber que não concorda com nada e mesmo assim ter que aplaudir. Mas comi o bolo mesmo assim. Pensei em ter indigestão.

Mas na saída aquele por de sol que cura tudo estava me chamando.

Percebi como minha caverna ainda é o mundo, e como a luz do entardecer transforma em sombras os nossos desejos. Pensei mais uma vez na cena e percebi que mais um sol partia. E com ele as ilusões do dia, e segui sozinha pela trilha das areias de volta pra casa, dormi desacompanhada na noite.

*"Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual, o igual, o desarmado." GR, GS*

---

*Texto escrito em 2018 tem como inspiração "O Banquete" de Platão e "A Caverna" do mesmo autor.*